

SESSÕES DO PLENÁRIO

66ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de dezembro de 2014.

PRESIDENTE: DEPUTADO ZÉ NETO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial, proposta por mim mesmo, com a finalidade de fazer a entrega da Comenda Dois de Julho ao advogado e jornalista, que muito nos honra com a sua presença, Dr. José Andrade de Almeida Castro, conhecido por Almeida Castro, que nos dá a grata satisfação de, hoje à tarde, fazer com que esta Assembleia tenha mais um momento de muito brilho e alegria.

Quero convidar, para compor a Mesa, as seguintes pessoas: a Srª Marlupe Caldas (palmas), secretária de Comunicação Social do Estado da Bahia e representante do governador Jaques Wagner; Sr. Genaldo Lemos (palmas), diretor de Relações Institucionais e representante do presidente da Federação Nacional dos Advogados, Walter Vettori; e o nosso amigo e Sr. Fernando Henrique Chagas (palmas), presidente da Associação Baiana de Rádio e Televisão – ABART.

Solicito ao Cerimonial conduzir, a este recinto, o advogado, jornalista e escritor Dr. José Andrade de Almeida Castro.

(O Cerimonial da ALBA conduz o homenageado ao plenário.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Convido a todos para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional brasileiro.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Como proponente desta sessão especial, farei a minha saudação.

O Sr. ZÉ NETO:- Boa-tarde a todas e a todos.

Saúdo a minha amiga e querida, Srª Marlupe Caldas, secretária de Comunicação Social, representando, neste momento, o governador Jaques Wagner; o Sr. Genaldo Lemos, Diretor de Relações Internacionais da Federação Nacional dos Advogados e representante do seu presidente, Walter Vettore; o Sr. Fernando Henrique, presidente da Associação Baiana de Emissoras de Rádio e Televisão, Abart; e o Sr. José Andrade de Almeida Castro, advogado, jornalista e homenageado.

(Lê) “José Andrade de Almeida Castro é conhecido apenas por Almeida Castro. Nasceu em Salvador, Bahia, mais propriamente na famosa Baixa do Sapateiro, em 30 de junho de 1922. Filho de Fernando e Elzira.

Começou a trabalhar cedo, pois sua família estava passando por uma crise financeira. Tinha nove anos de idade e precisava comprar a 'farda' para entrar no Colégio Estadual da Bahia. Almeida Castro, levado por um tio, foi ser ajudante de mecânico no linotipo do jornal A Tarde. E jamais, depois disso, deixou de trabalhar em veículos de comunicação. Colega de Carlos Marighella e Antonio Carlos Magalhães, era inteligente o garoto e logo chegou à Faculdade de Direito da Bahia, sempre custeando seus próprios estudos.

Conheceu ali Demerval Costa Lima, que escrevia lindos poemas no jornal acadêmico. Não demorou muito para Almeida Castro fazer cursos de doutorado no Rio de Janeiro e depois em universidades americanas, pois o tempo passou rápido. Ali estagiou na Komu-TV, na KTTV, em Los Angeles, na Universidade de Chicago, na Universidade de Denver e na Califórnia. Depois fez um curso na Universidade Mundial de Turismo.

Fez também cursos na BBC de Londres, na TV Espanhola, na Rai italiana e um curso sobre Cobertura do Mundo Via Satélite, na incipiente Intelsite. Com toda essa sede de saber e estudar, logo foi subindo na carreira; foi repórter, noticiarista, redator e diretor, tendo sido fundador de vários jornais da cadeia dos Diários Associados. Entrou também para o rádio, no Rio de Janeiro. Foi para a Rádio Nacional e como locutor e apresentador fez carreira. Mas sua vida ligada a jornais continuava, e ele fundou o jornal A Província do Pará; depois a Rádio Sociedade da Bahia e a Rádio Jornal do Comércio, do Recife. E depois, em muitas e muitas outras caminhadas, ajudou a expandir a rede associada por todo o Brasil. Almeida Castro, essa figura, era um de seus diretores. Fez também uma história belíssima à frente dos Diários Associados.

Foram 37 anos de trabalho. Chegou então à televisão. Era da equipe de João Calmon. Foi diretor-geral de várias empresas. Voltou, porém, para aperfeiçoar-se em televisão aos Estados Unidos, de onde retornou para supervisionar a Tupi, do Rio, Tupi Difusora, de São Paulo, e a TV Itacolomi, de Belo Horizonte. Ficou mais no Rio de Janeiro, participando também de sua programação, até como locutor e apresentador. Lá lançou 'O Céu é o Limite', sucesso de Aurélio Campos em São Paulo. Chegou até a substituir o Chacrinha no 'Cassino do Chacrinha', que era feito na cidade de Niterói. Lançou também no Rio o 'Teatrinho Trol'. Dirigiu o 'Grande Teatro Tupi', com os grandes atores Fernanda Montenegro, Nathália Timberg, Sérgio Brito e Ítalo Rossi, entre outros.

Foi dele também a ideia de preparar profissionais em vários cantos do Brasil, pois ele era 'o implantador de emissoras de televisão'. Acompanhavam Almeida Castro profissionais de peso como Péricles Leal e Tito Bianchini, de São Paulo. Dessa empreitada formaram-se profissionais que trabalham até hoje, principalmente em áreas da técnica e da produção, como Hilton Marques e daí nasceram também as

associadas em pequenas cidades, como a “Araripe”, no Crato, e outras nos grandes centros, como a Itacolomy de Belo Horizonte, como já foi citado. E a de Brasília. Acompanhou ainda a chegada ao Brasil do videotape, com episódios engraçados, que ele viveu e gosta de contar. Do norte, nordeste, sudoeste ao sul, esteve Almeida Castro, levando o nome de seu chefe maior, Assis Chateaubriand, e fazendo a imensa rede de comunicação Associada ficar cada vez mais forte e poderosa. Artistas se cruzavam, faziam shows e teatros aqui e lá. Era a integração nacional.

Além das emissoras de rádio e televisão, Chateaubriand possuía também fortíssimo interesse por jornais e a importante revista “O Cruzeiro”.

Essa revista fez uma história importante no Brasil e Almeida Castro esteve muito ligado também à história da revista O Cruzeiro, que todos os brasileiros que têm mais de 50 anos se recordam exatamente do seu papel na comunicação do nosso país.

(Lê) “Foi então fundada também a SIRTa – Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados. Já existia a SILA e a EMASI, ligadas a outros setores do grupo. Almeida Castro ficou sendo o diretor-geral da SIRTa, que abrangia todo o país e lhe dava a unidade comercial necessária, sendo sempre, porém, mais ligado a João Calmon, superintendente do Rio de Janeiro e do resto do país. São Paulo tinha a superintendência de Edmundo Monteiro, outra figura importante da comunicação no país.

O trabalho era muito, mas Almeida Castro era feliz assim, supervisionando as 84 empresas de Assis Chateaubriand. Este era, segundo Almeida Castro, um grande brasileiro, que não foi devidamente entendido e reverenciado como merece, pois a ele se deve a integração moderna do Brasil, através desses veículos de comunicação: rádio, televisão, jornal. Mas, o tempo passou, Chateaubriand morreu, o grupo, que fez história no país, se dividiu. E, se bem que continue forte de Minas Gerais para cima, quase desapareceu no sul do país. E deixa marcas importantes na história que Almeida Castro tanto reverencia e leva adiante. Almeida Castro deixou a empresa.

Dedicou-se a escrever livros, entre os quais: “25 anos de Televisão Via Satélite”, e “135 anos de história da Bola”, e outros. Sem parar nunca, foi para a AIR, ligando-se a trabalhos internacionais sobre telecomunicação. Recebeu por eles muitos prêmios e homenagens, pois foi realmente um grande lutador, não só pela implantação, como pelo aprimoramento da televisão no mundo e, principalmente, na América Latina.

Fez um grande estudo sócio-econômico sobre a Televisão Ibero Americana. Almeida Castro é presidente de honra da AIR. Recebeu a láurea de cidadão de vários estados do Brasil, Comenda da Ordem do Ministério da Aeronáutica, do Ministério das Relações Exteriores, da Sociedade Proarte e várias outras reverências no mundo da comunicação. Hoje, Almeida Castro ainda é forte e sadio, é proprietário de uma empresa de turismo e preparou um livro: Tupi, para o aniversário que vai fazer para os 50 anos da implantação da TV Tupi seja lembrado no Brasil.

Nele, Almeida Castro, faz um enfoque sobre a figura de Assis Chateaubriand, e

do primeiro ano da televisão brasileira. Foi, por certo, mais um trabalho feito com esmero, denodo e o talento infindo desse baiano, que nasceu para deixar sua marca registrada e seu exemplo para sua geração e às que vierem a seguir.

Almeida Castro, um homem de grande personalidade, pai de três filhos: Paula, Suzana e Sérgio. Um homem que preza pela família, casado há 35 anos com Lucy, onde residem em São Paulo.”

E continua trabalhando arduamente. Amigo é com essa ousadia que neste instante importante para a Assembleia Legislativa fazemos essa reverência e vimos aqui fazer jus a este homem de muitas batalhas e de muitas vitórias.

Diante de uma longa jornada vivida por Almeida Castro, algumas frases permanecem muito vivas entre nós: “vale a pena tentar e ousar”; você sentado não vai cair nada no seu colo”.

Uma grande personalidade, Almeida Castro, neste momento recebe da Assembleia esta reverência. Leitura a parte, Dr. Almeida, inclusive com as letras miúdas, deveríamos fazer letras mais garrafais para neste instante trabalhar com tranquilidade esta tarde e trazer de todos nós aqui da Assembleia este título que foi votado por unanimidade no Plenário, que traz exatamente o sentimento de nós baianos neste instante de homenagem tão importante para a vida de um ser humano com 92anos que ao entrar nesta Casa traz a vitalidade de um jovem, cabeça de um jovem e a esperança de continuar lutandocomo um jovem.

Agora há pouco, falei ao nosso homenageado quando ele chegava, da sua vitalidade, ele disse: estou apenas com um probleminha aqui no nervo ciático, mas está dando para andar e com força.

Quero, neste instante, lembrar ao nosso homenageado que essa homenagem é fruto de uma solicitação feita pelo nosso amigo Carlinhos aqui da Mesa. Carlinhos não faria outra coisa senão trazer a nós essa grata satisfação de tê-lo aqui nesta tarde importante da nossa Assembleia Legislativa.

Carlinhos, esta figura amada por todos nesta Casa. Um profissional de mão cheia. Um exemplo para todos os jovens desta Casa e para todos os deputados por sua fibra, com seu tenor, com sua capacidade intelectual e acima de tudo pelo seu amor ao trabalho. E é esse amor ao trabalho que Carlinhos traz todos os dias para nós aqui como exemplo e faz com certeza que nós tenhamos esse orgulho e neste instante reverenciar esta figura que está a frente de todos nós para receber a Comenda 2 de Julho.

Dr. Almeida, falar do amor ao trabalho não é algo para ser esquecido com facilidade na cabeça das pessoas. Hoje é um sentimento que precisa ser trabalhado muito mais, principalmente, nos nossos jovens.

O senhor que trabalhou tanto com a comunicação, que viveu tanto a comunicação, que viveu tanto a necessidade, Fernando Henrique, de ver o Brasil integrado. Imagino que em vossa cabeça o que é estar convivendo com essa mágica que tem para o mundo, que tem para o brasileiro, que tem para todos os cidadãos

deste universo que é a mágica da comunicação em rede. Essa comunicação rápida, veloz, instantânea, que o indivíduo pode ser o mundo e o mundo vem para o indivíduo apenas com um triscar de dedos.

Imagino V.S^a que saiu integrando este Brasil, construindo televisões, jornais, rádios, informativos, trabalhando neles. Agora há pouco na minha leitura, eu pude dizer que V.S^a era diretor de uma televisão e ao mesmo tempo apresentador. E muitas vezes supriu o Chacrinha. Imagino aqui quanta versatilidade, quanto amor pelo trabalho, quanta paixão pelo que faz. Este é o grande exemplo.

Eu tenho 50 anos, trabalho, também, desde os 9 anos de idade, minha mãe com 5 filhos, nós vimos meu pai botar uma caçamba na porta de casa e levar metade de nossos móveis. Minha mãe, naquela época, fumava, eu fui dizer a ela, que estava na escola dando aula, e ela me disse, fumando: “Ele leva e não volta. Levou os móveis, não levou nossos sonhos. Daqui para a frente somos nós. Então, vamos nos cuidar e cuidar de construir as nossas vidas. A página está virada”.

Minha mãe criou 5 filhos. Desde os 9 anos eu trabalho, e amo trabalhar, e vim aqui, hoje, quando Carlinhos me disse da importância de ele fazer essa homenagem, a coisa que mais me trouxe alegria foi saber que aos 92 anos continua trabalhando, continua pensando, continua arquitetando e continua sonhando com a integração das pessoas. Porque as pessoas – a gente fala assim: “As pessoas!” – são o universo que se vive.

O princípio do marxismo, do socialismo, dizia: não existe dicotomia entre indivíduo e pessoal. Mas isso está tão distante, porque o capitalismo diz o inverso. Os muros caíram. Caíram os muros de Berlim. caíram os muros de Manhattan. Mas esse muro, a gente precisa continuar lutando para derrubá-lo, e já ficou claro que não é uma falta de comunicação, porque comunicação temos demais hoje. Aliás, tem o tal do zap-zap, que é uma fofoca integrada com o mundo, que é uma informação integrada com o mundo, que é um equipamento integrado com o mundo. Temos o facebook, os sites, temos toda essa tecnologia, mas precisamos muito mais da sensibilidade humana, do trabalho e do amor pelo trabalho, do amor pelo outro a partir do trabalho, da realização do trabalho no bem fazer, no fazer o bem, e no cuidado que precisamos ter com aqueles, principalmente aqueles que o senhor ajudou a integrar quando ninguém falava em comunicação, que são aqueles excluídos de tudo.

Para chegarmos aos excluídos de tudo, temos que primeiro estender os nossos telhados. Aqui, estou muito feliz, e vou encerrando a minha fala dizendo: esse exemplo de amor ao trabalho, 85 anos de trabalho, cuidando de criar coletivos e equipes, tem muito para nos ensinar, e que a comunicação e a velocidade que a juventude está vendo em tudo que passa na frente do face, do zap de não sei o quê, da televisão, não deixem de lado as reflexões necessárias para que homens como o senhor sempre continuem fazendo a cabeça dessa galera.

Então, aos 92 anos, seja homenageado com essa Comenda Dois de Julho, que é a nossa maior comenda, e esta Casa, Carlinhos, hoje faz uma homenagem, diria, de

marca maior. Não está cheia, talvez se tivéssemos aqui alguma figura do hip-hop ou mesmo da axé-music, do arrocha ou de outras culturas mais efervescentes neste momento na mídia, esta Casa estivesse lotada, não houvesse onde colocar pessoas para assistir a esta cerimônia. Mas de uma coisa tenho certeza: de que sem figuras como o senhor, sem trabalhos como o que o senhor fez, nós não teríamos a integração que temos com este País, a força que temos com a comunicação de rádio, jornal e televisão e os sonhos e a esperança de ver referências tão nítidas de que o amor ao trabalho constrói muito bem a vida e constrói muito bem a sociedade que sonhamos.

Muito obrigado e seja bem-vindo. Os baianos, hoje, estão felizes por esta homenagem.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Convido a Sr^a Luci Andreotti e a Sr^a Paula de Almeida Castro para, neste momento, entregarmos ao homenageado a Comenda 2 de Julho. (Palmas.)

(É feita a entrega da Comenda 2 de Julho ao jornalista José Andrade de Almeida Castro.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, Dr. José de Almeida Castro, para fazer seu discurso.

O Sr. JOSÉ DE ALMEIDA CASTRO:- Em primeiro lugar, quero pedir perdão, porque às vezes pode ser que necessite sentar por algum motivo ciático. Em segundo, sem desrespeitar, Sr. Presidente, a honra, a solenidade, a grandeza de uma reunião como esta cujo significado para mim é muito mais importante do que qualquer pessoa possa imaginar, quero lembrar de uma coisa, é uma reunião de dois Zés, o Zé Neto e o outro Zé que resiste tantos anos e que aqui está.

Ouvi os exageros em algum caso aqui e ali na contagem da minha vida, mas acho que a contagem da minha vida não serve somente para eu receber essa manifestação de gratidão, de amizade, até de respeito que a Assembleia Legislativa da Bahia me concede. Acho que esta solenidade e esta possibilidade de falar aqui será muito mais importante no momento em que o que todos estamos dizendo aqui possa repercutir na cabeça das pessoas que imaginam que o mundo está terminando, que os valores desapareceram. Por outro lado, tenho que reconhecer que todos nós cometemos um gravíssimo erro quando falamos mal de política. Falar de política é moda, falar de política é elegante, falar de política é negócio. Na verdade, o mundo não existe sem política. E política é feita por políticos, que somos todos nós. Nós somos políticos na família, somos políticos nos negócios, somos políticos no dia a dia, necessitamos da sabedoria do político. E não podemos dizer que o político é bom ou mal, ou que todos são mal, porque não nos cabe julgar. Nos cabe pô-los à prova. Acho que é uma coisa que precisa acabar urgentemente neste País é essa mania de dizer: não me lembro em quem votei. O voto é sua maior arma. Não importa. O valor

da sua opinião posto numa urna significa uma parcela da vontade de tantas milhões de pessoas que vivem neste País e podem votar.

Então, aproveito esta oportunidade em que alguém me ouve e me respeita, talvez, por essa vida que é mais do que um exemplo de luta, é sobretudo uma prova de que a gente pode vencer, a gente pode conquistar a vitória desde que lute com galhardia, com força, com vontade de fazer, sem esmorecer, sem fugir do contraditório.

Na Escola de Direito, eu aprendi que o contraditório era importante. Todos vocês, meus amigos, devem se lembrar que estão falando com alguém que foi diplomado em 8 de dezembro de 1945 na Faculdade de Direito da Bahia, na Piedade, e estudou no Ginásio da Bahia de então e que recebeu de seus mestres no Ginásio da Bahia todo o saber que, basicamente, fundamentou a minha vida. E lá eu aprendi com alguns professores que são inesquecíveis. E eu não quero cometer aquilo que o meu querido amigo que aqui está chama de "ingraticídio", eu não quero cometer o pecado do "ingraticídio" e por isso prefiro não mencionar nomes, os tantos nomes que fizeram uma parcela, uma célula, um pequeno ponto do meu ser, da minha capacidade de discernir.

Para mim a felicidade de poder a esta idade, quase centenário... E um médico me uma vez: "Olha, rapaz, você tem rins de um menino de 15 anos, esse é o seu segredo." E eu disse: quem sabe que o meu segredo não foi o que me disse a minha mãe? Minha mãe era uma sertaneja de Itaberaba, uma mulher do Sertão, disse-me disse um dia: "Você pode até se aposentar, mas não pare de trabalhar, porque quem para de trabalhar e vai para a rede, começa a morrer." Esta foi a grande lição que eu recebi. E se isso vale alguma coisa com força de reflexão, de entendimento, de ajuda para pensar, cuide disso.

Outra coisa, pensem um pouco. Vocês estão numa Casa Legislativa. O conceito da Casa Legislativa é o conceito que os nossos representantes discutem aquilo que nós imaginamos que eles precisam discutir. Se, às vezes, eles falham, nós também falhamos. Por deixar de ser um católico praticante, religioso, uma pessoa porque era um bispo não pode voltar a ser um simples professor se fosse nesse sentido. Não, o direito de escolher, o direito de discernir, dever à frente, ela se subordina a uma série de fatores individuais. Um político pode ser um arraigado correligionário de correntes que pregam determinadas coisas e, em determinado momento, ele pode se convencer de aquele não é o caminho.

Então é preciso que se dê às pessoas que nos cercam aquela coisa que no Direito a gente chama de exceção da verdade. Precisamos, primeiro, acreditar, apurar, antes de negar e de acusar. O mal dos meios de comunicação mal aplicados é exatamente esse. Antes de estudar... Hoje em dia, lamento dizer isso, tenho certos momentos, não diria de desencanto, mas de tristeza quando vejo jornalistas que vivem de assessoria, que vive de notas prontas, de notas feitas, que não apuram, que não discutem, que não procuram saber as coisas.

Então eu lhes pediria, se a minha palavra vale algo como exemplo, primeiro,

que os seus filhos e todas as pessoas que você possa influir, façam com que eles concebam bem o princípio de que você só recebe de volta aquilo na proporção do que você serve aos outros. Procure servir ao seu semelhante, procure estar ao lado dele porque ele vai lhe dar de volta alguma coisa. Nada nos é dado se nada não damos.

Então seu eu posso dizer alguma coisa, a base da minha experiência de vida mais do que qualquer coisa, eu lhes digo: pensem sempre que mundo é sempre o mundo. As cabeças vão sempre girar. As cabeças vão sempre achar que podem mudar tudo. Quando Auguste e Louis Lumière fizeram que o teatro estava acabado, quando a televisão veio colorida, a preto e branco iria acabar, quando o rádio... E eu vou lhes dar um exemplo maior, talvez pouca gente saiba aqui no auditório, e eu respeito quem não sabe porque não lhes foi ensinado, porque nós cometemos o gravíssimo pecado, no dia em que nós mudamos a história da humanidade para um currículo escolar no sentido chamado pragmático. Nesse dia, deixamos de estudar história, deixamos de estudar geografia, passamos a desconhecer o mundo, ficamos isolados aqui. E começamos a pensar em coisas.

Eu lhes conto, agora, uma história a respeito de algumas coisas que a gente às vezes fala injustamente. Quando terminei meu último estágio em universidades americanas, fui considerado uma pessoa que podia ir encontrar com a Comissão de Finanças do Senado Americano para justificar por que aquela verba era aplicada em nós, por que nós estávamos sendo ensinados. E fui lá. Eu, um vietnamita e um nigeriano, os 3 bolsistas, fomos ouvidos por uma Comissão de Finanças do Senado. E a Comissão do Senado concluiu achando que tínhamos tido um ótimo aproveitamento. O senador olhou para mim e perguntou: "E o senhor aí, parece que o senhor está querendo fazer uma pergunta?" Eu disse: gostaria que o senhor me explicasse por que o senhor gasta o seu dinheiro, o dinheiro do seu contribuinte, para me ensinar. Ele disse: "Por uma razão muito simples. Nós até podemos parecer que somos burros, mas não somos, não, estamos aplicando naquilo que consideramos essencial para nós. Não o domínio do seu país, mas tornar o seu país um mercado competitivo, porque o nosso negócio é ir vender para os senhores. Não é outra coisa. Não queremos dominar ninguém, nós queremos vender. Vender é a nossa palavra mágica."

Então, vamos acumulando essas lições na nossa vida. E, agora, posso dizer que eu e meu xará temos coisas muito parecidas na nossa vida, pelo que ouvi da sua vida. E ele, então, pode entender talvez melhor o que é isso. Só como uma breve passagem, pertenço a um ramo da família Almeida Castro, cujo avô Bertolino de Almeida Castro foi um dos milionários desta cidade. Possuía aqui pelo menos seis mil imóveis. Diziam os inimigos que era um agiota. No entanto, cinco anos depois que ele morreu, os 22 filhos que deixou com a mesma mulher, alguns nascidos em janeiro outros em novembro do mesmo ano, esses tantos filhos brigaram tanto por rolas de cristal que acabaram sendo inimigos até hoje, a vida toda. E acabou uma família imensa como a nossa. Quem são os Almeida Castro, hoje, na Bahia? Ninguém. Segundo a história que Chateaubriand me contou, sou filho de padre. Perguntei: por que sou filho de

padre? Padre Miguel José de Almeida Castro que foi enforcado no Campo da Pólvora, porque era revolucionário, o padre Miguelinho. Ele é seu ancestral.

Então, vejam, essa história de vida não significa nada. Significa que a riqueza material depende da sua força espiritual, da sua vontade de fazer, do seu convencimento, é com trabalho, respeito e bem serviço que você vai adiante. Se as minhas palavras servem para alguma coisa, peço, imploro: jovens, sejam contraditórios como foi Alphonse Daudet passeando em Paris de roupa preta só para contrariar que ele era mais importante do que seu pai, que usava branco. E o preto era importante. A mocidade é para isso. Gravo na minha cabeça uma cicatriz dos meus tempos de baderneiro no Ginásio da Bahia, quando fui para as ruas fazer protesto. Minha primeira função como legislador ou como associado a uma entidade foi na União Brasileira de Estudantes Secundários. Qual foi meu cargo? Secretário de assistência social. Qual foi meu primeiro trabalho? O lar do estudante pobre, a casa do estudante pobre. Qual foi minha realização? Subir num palco no Campo da Pólvora e dirigir espetáculos com Zé Coió, na festa da mocidade.

Quer dizer, não há limite do que você pode fazer dentro da moralidade, dentro do respeito, dentro da vontade de servir. A sua recompensa, por exemplo, é isso, essa homenagem que agradeço do fundo do meu coração. E quero dizer ao meu xará que os dois Zés podem perfeitamente caminhar juntos pela eternidade quando chegar o momento, vamos nos encontrar lá em cima, porque pensamos a mesma coisa. Podemos divergir ideologicamente nesse ou naquele momento, mas jamais podemos divergir naquela coisa da qual nunca divergimos. É servindo e relutando que conquistamos as nossas coisas. Ninguém consegue 88.800 votos numa eleição somente por que sorriu,

Meus parabéns, muito obrigado a todos vocês e me perdoem por essa longa explosão de sentimentos.

Muito obrigado.

(Palmas.)

Quero pedir desculpas por uma coisa: eu lamentavelmente não me referi a essas pessoas tão lindas que estão aqui ao meu lado. Quero pedir desculpas, não foi um desrespeito, foi apenas uma emoção de poder exprimir tudo que estava sentindo, tudo que eu podia dizer nas minhas palavras e que eram tão importante quanto dizer os seus nomes, todos já são conhecidos e que todos se sintam homenageados.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Antes de encerrar, quero falar aqui rapidamente uma coisa que o senhor falou aqui para nós todos.

Meus melhores amigos, meus mais fiéis amigos, conheci e convivi com eles no contraditório, discutindo situações, buscando soluções sem precisar deixar de lado a contradição, deixar para uma vaidade a contradição, deixar para um sentimento

espoliado de honestidade a contradição. Robson, quantas vezes discutimos; Zé Luiz, de Cachoeira, quantas vezes discutimos, estou aqui dando alguns exemplos; Afonso, amigo, até hoje convive comigo no dia a dia das lutas e outros tantos. Estou lembrando aqui rapidamente, são pessoas que a política conhece Solla, quantas discussões tivemos no movimento estudantil. Ainda sou, doutor, de uma geração, talvez, são ciclos, não é, seu ciclo também encontrou um Brasil precisando de jovens que o defenda.

Nesta última eleição os nossos jovens acordaram mais, e fiquei com o coração cheio de esperança, vinha desiludido. Mas incrível como nos parecemos, sejamos contraditórios e digo isso sempre que a gente não consegue sentar para discutir e divergir, parece uma ofensa quando alguém diverge do outro. Fui construído em outras caminhadas. Procurem servir ao outro. Incrível como você colocou algumas coisas me marcaram aqui. O contraditório é importante e não é ofensa, e a outra: não pare de trabalhar e cuidar do outro. Esse é o retorno da vida, cuidar do outro. Quem cuida muito se si se perde na sua vaidade, nos seus labirintos. Cuidar do outro, no mínimo, distrai mais a vida e nos faz seguir.

Quero encerrar esta sessão com a vasta alegria de ter ouvido a sua palestra, que é muito mais uma injeção de ânimo para que a gente continue sonhando e acreditando no trabalho e nessa vida, que aliás concordo muito com o senhor muito nisso, é só parte da passagem, não tem outra coisa senão parte da existência. Teremos outras etapas, teremos outras escalas e foi muito bom nesse dia, nessa escala da vida, estar aqui, com satisfação passando esta homenagem ao nosso homenageado.

Fica, aqui, a nossa vasta alegria.

Bem, esta foi a sessão especial que procedeu à entrega da Comenda Dois de Julho a esta figura, Dr. José Andrade de Almeida Castro, que nos deu uma aula de vida e sabedoria nesta tarde.

Agora, convido todos os presentes para ouvirmos o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

(Palmas.)

Sob a proteção de Deus, declaro encerrada a presente sessão especial.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*